

O FILTRO CRISTÃO DA “HARMONIA” ENTRE CIÊNCIA E FÉ EM AGOSTINHO DE HIPONA

THE CHRISTIAN OF “HARMONY” BETWEEN SCIENCE AND FAITH IN AUGUSTINE OF HIPPO

EL FILTRO CRISTIANO DE LA “ARMONÍA” ENTRE CIENCIA Y FE EN AGUSTÍN DE HIPONA

José Joaquim Pereira Melo¹, Marcos Roberto Pirateli²

DOI: 10.54899/dcs.v22i84.3692

Recibido: 30/10/2025 | Aceptado: 03/11/2025 | Publicación en línea: 17/11/2025.

RESUMO

No presente texto, discute-se a distinção que Agostinho de Hipona faz entre a ciência humana, produzida pela cultura clássica, baseada em realidades parciais, transitórias e envelhecidas, e a sabedoria cristã, aurida de Deus, verdadeira, imutável e substantiva. Em suas reflexões, embora tenha diferenciado fulcralmente esses dois conhecimentos, Agostinho encontrou uma linha harmoniosa que as aproxima, pois privilegiou valores, princípios e categorias clássicas que julgou positivas para fundamentar o saber e a educação cristã. De sua perspectiva, na educação cristã, ciência clássica e sabedoria cristã não constituem campos opostos, mas colocam-se em convergência relativa na formação do homem cristão que se desejava. Em termos metodológicos, optou-se por discutir a temática proposta a partir do tempo histórico em que foi produzido tanto seu pensamento pedagógico quanto sua experiência enquanto educador e pedagogo. Como fontes, foram utilizadas obras do autor e outras produzidas por estudiosos contemporâneos, conforme aparecem no texto e nas referências bibliográficas.

Palavras-chave: Agostinho. Ciência. Sabedoria. Educação.

ABSTRACT

The distinction Augustine of Hippo makes between human science, produced by classical culture and based on partial, transitory and ancient realities, and Christian wisdom, hailing from God, true, immutable and substantive, is provided. Although in his works he distinguished sharply the two types of knowledge, Augustine detected a harmonious line which made them meet. He privileged values, principles and classical categories considered positive on which to base Christian learning and education. From his point of view, classical science and Christian wisdom in Christian education are not in opposite fields, but lie in relative convergence in the formation of the Christian that is required. Methodologically, the theme is discussed as from the historical time in which his pedagogical thought and experience as educator and pedagogue was produced.

¹ Doutor em História e Sociedade, Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: pereirameloneto@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0743-8000>

² Doutor em Educação, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil.
E-mail: marcospirateli@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8178-8762>

The author's works and others written by contemporary scholars have been employed as sources listed in the text and in the references.

Keywords: Augustine. Science. Wisdom. Education.

RESUMEN

Discutimos la distinción que Agustín de Hipona hace entre la ciencia humana, producida por la cultura clásica, basada en realidades parciales, transitorias y antiguas, y la sabiduría cristiana, nacida de Dios, verdadera, inmutable y sustantiva. En sus reflexiones, aunque diferenció fundamentalmente estos dos tipos de conocimiento, Agustín encontró una línea armoniosa que los acerca, ya que privilegió valores, principios y categorías clásicas que consideraba positivas para apoyar el conocimiento y la educación cristiana. En su perspectiva, la ciencia clásica y la sabiduría cristiana en la educación cristiana no constituyen campos opuestos, sino que se colocan en relativa convergencia en la formación del hombre cristiano requerido. Metodológicamente, se decidió discutir el tema propuesto a partir del tiempo histórico en el que se produjeron tanto su pensamiento pedagógico como su experiencia como educador y pedagogo. Como fuentes se utilizaron Las obras del autor y otras producidas por estudiosos contemporáneos fueran utilizadas como fuentes en el texto y en la bibliografía.

Palabras clave: Agustín. Ciencia. Sabiduría. Educación.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Agostinho de Hipona (354 — 430), um dos pensadores mais expressivos do Ocidente cristão, vivenciou o longo processo de transformação social e as profundas mudanças que, corroendo o Império romano, anunciavam uma nova forma de produzir a vida e de viver. Pensando seu tempo, ele deixou uma contribuição imensa para a consolidação do corpo filosófico, teológico e doutrinal da Igreja primitiva em face de um Império já decadente e frágil, autora perseguidor.

A velha ordem social já era ineficiente para responder às demandas que se descortinavam e davam lugar à medievalidade. Assim, ele propôs soluções para o homem cristão de seu tempo, considerando-o como peregrino no mundo, conforme ensinamento paulino aos filipenses: “Mas nossa cidade está nos céus” (Bíblia, 2001, p. 2209).

Suponhamos que somos peregrinos, que não podemos viver felizes a não ser em nossa

pátria. Sentindo-nos miseráveis na peregrinação, suspiramos para que o infortúnio termine e possamos enfim voltar à pátria. Para isso, seriam necessários meios de condução, terrestre e marítimo. Usando deles poderíamos chegar a casa, lá onde haveríamos de gozar. Contudo, se a amenidade do caminho, o passeio e a condução nos deleitam, a ponto de nos entregarmos à fruição dessas coisas que deveríamos apenas utilizar, acontecerá que não quereríamos terminar logo a viagem. Envolvidos em enganosa suavidade, estaríamos alienados da pátria, cuja doçura unicamente nos faria felizes de verdade (Agostinho, 2014a, p. 29).

Vale lembrar que seu histórico pessoal como professor de retórica e pedagogo em várias cidades do Império deu-lhe conhecimento e autoridade para discutir o assunto. Ou seja, as mais variadas experiências que vivenciou nesse ofício resultaram em uma elaboração pedagógica que faria história no tempo.

Ele foi herdeiro dos grandes pensadores cristãos que se preocuparam com a orientação e a formação dos homens que compunham seus respectivos rebanhos e seguiu o exemplo dos discípulos que atendiam à orientação do próprio Cristo: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Bíblia, 2001, p. 1925). Apoiou-se também no referencial formativo da *Didaquê*, do grego “ensino”, que, denominada também de *A Instrução dos Doze Apóstolos*, foi escrita entre os anos 60-90. Reconhecido como um dos primeiros materiais didáticos cristãos conhecidos e o mais importante da era pós-apostólica, esse documento, em seus dezesseis pequenos capítulos, trata de valores cristãos, da literatura, da disciplina e da organização das primeiras comunidades cristãs primitivas, entre outros (Didaquê, 2024).

Fiel depositário, se assim se pode dizer, desses saberes da primeira leva de escritos e escritores cristãos, Agostinho de Hipona desenvolveu uma proposta formativa voltada para as necessidades do homem cristão de então, mas que teria influência enorme no futuro do cristianismo.

A preocupação formativa cristã tornou-se mais emergente com a expansão do cristianismo e com a incorporação de maior número de adeptos, provenientes de povos, culturas e setores sociais diferentes. Dos grupos participantes, muitos eram representantes da aristocracia romana, ou seja, do último bastião de resistência à religião cristã. Com a conversão desse setor, particularmente, surgiu a necessidade de um pensamento mais elaborado, o que criou condições para o estabelecimento de um diálogo mais efetivo entre o cristianismo e a cultura clássica.

Assim, de uma religião majoritariamente composta por adeptos de escassa cultura, o cristianismo abriu-se, mesmo que de forma complexa, com avanços e recuos, embates e tréguas, resistência e aceitação, para uma assimilação progressiva do pensamento clássico. Com isso, formaram-se as bases de uma nova civilização, a civilização cristã (Oroz Reta, 1963, p.86), na

qual a educação teve o papel fundamental para uma sociedade que perdera os referenciais que a nortearam durante milênios.

Vivendo em um tempo limítrofe, Agostinho transitou entre essas duas forças distintas, antagônicas e contraditórias: o pensamento cristão e o pensamento clássico. Fiel ao primeiro, defendeu e ajudou a efetivar e a divulgar o que entendia como a “boa nova”; tributário do segundo, soube abstrair e utilizar o que entendia de bom e positivo desse pensamento para compor seu próprio pensar, que foi incorporado à doutrina e ao magistério da Igreja. Em vez de romper completamente com o pensamento clássico, Agostinho formulou uma composição relativa, encontrou um caminho para fortalecer, efetivar e universalizar o cristianismo, que já se legitimava como liderança do mundo de então.

Ao formular esse caminho, dando nova orientação à educação cristã, Agostinho estabeleceu um diálogo com a cultura clássica e pôs em discussão o que entendia como o conceito, a composição e o verdadeiro sentido da educação cristã. Assim, sem romper com seu princípio de fé ou com sua identidade, encontrou no pensamento clássico elementos para fundamentar seu entendimento e explicar que a educação cristã atenderia ao novo tempo e ao novo quadro que se formava para a Igreja.

É possível pensar que a postura de Agostinho de Hipona, bem como a de outros escritores e pensadores cristãos que se manifestavam desfavoráveis à cultura clássica, relacionava-se mais com o ideal de vida ou de vida espiritual, já que as ideias, vivências e expectativas cristãs eram opostas ao pensamento clássico consagrado nos escritos latinos (Oroz Reta, 1963 p. 81-82).

Assim, para estudar a questão da educação em Agostinho de Hipona e obter uma compreensão mais profunda de seu pensar, a opção metodológica foi de situá-lo no contexto histórico em que produziu seu pensamento pedagógico. Considerou-se que o momento era de grandes transformações, de mudanças profundas na ordem social vigente; considerou-se também que sua própria história de vida foi marcada pelo exercício do magistério.

Com a fundamentação encontrada na bibliografia relativa ao tema e nos referenciais propostos pelo próprio Agostinho de Hipona em suas obras, tendo em vista o quadro de exigências postas pelo mundo cristão, pretende-se discutir as diferenças e aproximações entre a “formação transcendente”, cristã e a “formação humana”, clássica, desse pensador.

FORMAÇÃO HUMANA E FORMAÇÃO CRISTÃ: CAMPOS OPOSTOS OU COMPLEMENTARES?

A análise das atividades e do tipo de vida a que o cristão foi chamado a se dedicar e a viver implica considerar a profunda reelaboração da velha e consolidada ordem grega no que diz respeito à formação liberal e à dedicação servil. Essa constitui a base referencial da reflexão de Agostinho de Hipona a respeito de outra situação problema: a natureza, a composição, a relevância e a relação entre a formação religiosa cristã e a formação humana clássica.

Destaca-se que, na abordagem agostiniana, educação religiosa e educação humana pertencem a uma mesma realidade e correspondem às mesmas preocupações pedagógicas, ou seja, não se constituem como duas manifestações indiferentes. O caráter “religioso” da primeira e o “humano” da segunda levaram ao entendimento que a educação do cristão consistia em uma somatória, um acréscimo ao que ele aprendia e fazia como homem. Isso posto, em suas obras, Agostinho não fez uma distinção entre essas instâncias educativas, não procurou separar a formação religiosa da humana e sim formar com elas um todo unitário, sem dúvida porque, salvo nas obras de conteúdo apologético, seus escritos eram para leitores já convertidos, que compreendiam e compartilhavam sua mensagem. Suas considerações sobre a educação envolviam tudo o que o cristão devia aprender e fazer como um ser imerso no mundo e por estar imerso nesse mundo. Por sua vez, incluía na educação religiosa tudo o que o cristão aprenderia e faria, mas, substantivamente, fora do mundo, pois, para alcançar a condição de cidadão do céu, precisava afastar-se deste mundo, estando nele.

Embora distintos, os dois modelos de formação, o humano, clássico, e o religioso, cristã, deveriam ser recebidos com o sentido cristão. O fato de o homem ser dotado de faculdades, em particular, a da mente e a da vontade, a da fé e a da inteligência, levava esses componentes educacionais a formar uma unidade, que não comportava fissura. Não significava que a formação humana fosse algo que se acrescentava, que fosse complemento da formação cristã ou que fosse necessária à sua complementação. É como se sua integração à formação cristã fosse natural, fosse uma de suas exigências, embora ficasse submetida ao objetivo transcendente final. Na formulação agostiniana, para se chegar a Deus, a formação humana era imprescindível, pois o cristão precisava aprender a viver no mundo. Vale dizer que a formação humana não seria uma simples ação a serviço da educação cristã, mas levaria à consecução do objetivo transcendente que a educação cristã propunha para si. Nos dizeres agostinianos, do ponto de vista da religião, a

educação humana não assumia importância:

Claro que não têm importância para esta Cidade, desde que se professe a fé que conduz a Deus, os hábitos ou costumes de cada um, contanto que não sejam contrários aos preceitos divinos. Aos próprios filósofos não impõe ela, quando eles se tornam cristãos, que mudem as maneiras de se comportarem e de viverem se elas não forem contrárias à religião, mas apenas lhes impõe que renunciem às falsas doutrinas (Agostinho, 2000, p. 1935).

Isso posto, nem toda formação humana tem origem na educação religiosa, mesmo quando esta lhe impõe certos limites e, sobretudo, contradiz um espírito que lhe seja específico.

Uma vez colocado em tela o caráter unitário da educação cristã, as duas instâncias são igualmente necessárias e importantes para se atingir o fim proposto. Em que pese suas peculiaridades, a formação humana está, em parte, a serviço da educação religiosa, o que torna necessário esclarecer as causas de tal subordinação. Em Agostinho, essa subordinação ocorre porque a formação humana se volta para realidades parciais, transitórias e envelhecidas; já, a educação cristã, tem como ponto de partida e referencial o próprio Deus, único ser eterno, imutável e substantivo (Redondo; Laspalas, 1997, p. 705-706).

O pressuposto de Agostinho de Hipona é que a felicidade da alma, a vida feliz, requer que o homem se atenha e se fixe em verdades imperecíveis e imutáveis, de forma que não fique ao sabor da sorte. Além disso, ele sentencia que, sem se voltar e se fixar no conhecimento de Deus, o homem não encontrará, nem trilhará o caminho para a felicidade. Assim, a perfeição do homem somente seria alcançada e realizada em Deus (Silva, 2005, p. 54).

Depreende-se, portanto, que ele entende a educação religiosa como radical e essencial e a humana, como instrumental. De suas inúmeras reflexões, depreende-se também que, na vida eterna, a formação humana se tornaria nula, inclusive em sua dimensão moral, por que esta se justificaria na vigência mundana. Ilustrativa nesse sentido é a evocação de uma passagem de Cícero encontrada em um de seus comentários: *Hortêncio*, obra que, até onde se informa, foi perdida no tempo, teria despertado Agostinho para a busca da verdade que diz respeito a essa questão da temporalidade da educação humana.

Desse modo, o ilustre orador, ao exaltar a filosofia, recordando o que recebera dos filósofos, e explicando-o com competência e em estilo agradável, afirmou que as quatro virtudes são necessárias apenas durante esta vida, cheia de tribulações e fadigas. E ainda, que nenhuma delas o seja quando deixarmos esta presente vida — se for possível viver lá onde se vive feliz. Mas as almas virtuosas serão felizes apenas com o conhecimento e a ciência, isto é, com a contemplação da natureza. Sem dúvida, o que de mais amável existe e o que de melhor não pode existir. Essa natureza é a que criou todas as outras e

é assim a autora de todas as naturezas.

Quanto às funções da justiça, como aqui neste mundo, ela destina-se a socorrer os fracos; a prudência, em precaver-se das ciladas; a Fortaleza, em suportar os incômodos da vida; e a temperança, em coibir os prazeres depravados; nenhuma delas, nesse sentido, existirá na outra vida, pois lá não haverá mal algum. Por isso, as obras dessas virtudes, necessárias a esta vida mortal, assim como a fé, à qual se referem, serão consideradas obras do passado (Agostinho, 2014b, p. 273-274).

Na linha geral de seu raciocínio, o fim da formação humana era ensinar o homem a transitar pelo mundo e a administrar as necessidades postas pela vida ativa; à educação cristã, relacionada com a vida em sua dimensão contemplativa, cabia preparar o homem para ser tomado pela luz divina, qualificá-lo para entrar em sintonia e/ou captar a verdade de Deus. Na vida terrena, pela fé e pela sabedoria; na vida celeste, pela contemplação da visão direta e beatífica de Deus (Redondo; Laspalas, 1997, p. 706-707).

Decorre dessa configuração que, em Deus, a verdade ganha suprema essencialidade; é uma forma de luz que se projeta e ilumina a mente humana, facultando que o homem capte, absorva, flua as ideias que se colocam e se entendem como verdades eternas, inteligíveis e imutáveis, contidas na própria mente divina (Reale; Anteseri, 2003, p. 91).

A luz emanada de Deus, agindo de forma efetiva no homem, é que torna possível o acesso aos bens maiores, verdade, sabedoria, felicidade, entre outros. Essa ação generosa da graça divina ocorre na mente, na parte mais recôndita do homem, em sua interioridade, que é o espaço de atuação da luz divina: somente a mente é capaz de reconhecer a luz divina em ação no seu interior (Azevedo, 2022, p. 151-152).

O *summum bonum*, o “bem supremo”, cuja condição é a vida feliz, consolida-se com a posse e com a comunhão do homem com seu Criador. Nesse quadro transcendente, a posse e a comunhão homem-Deus, ou a participação na verdade divina, são resultantes da proximidade e da intimidade com Deus: trata-se de uma relação ontológica (Souza, 2006, p. 101). Para Agostinho de Hipona, o fim último do homem cristão em sua caminhada terrena é a felicidade plena, a posse de Deus e da beatitude; essa conquista seria obtida por uma vida de virtude e de fé, razão pela qual o cristão deve amar somente e exclusivamente esse valor supremo (Carvalho, 2018, p. 79).

Essa compreensão do processo formativo implica uma distribuição desigual dos campos da educação. No campo relativo à formação humana predominam as ações que o homem pode realizar e as virtudes que lhes são inerentes, capitaneadas pelo amor (Redondo; Laspalas, 1997, p. 707), pela moral e pelo modo como absorve as realidades temporais, ou seja, pelo correto

“amor de uso”, “*uti*”. A esfera da educação religiosa está circunscrita ao conhecimento das verdades sobrenaturais, dinamizado pelo “amor gozo”, “*frui*”. O primeiro estaria subordinado ao segundo, em uma hierarquia dinâmica e ordenada: “[...] lembrando que o justo vive da fé (Rm 1, 17); fé que gera o amor (Gl 5, 6), de modo que as virtudes da prudência fortaleza, temperança e justiça relacionam-se com a mesma fé. Caso contrário, não seriam verdadeiras virtudes” (Agostinho, 2014b, p. 260).

EDUCAÇÃO RACIONAL E ESPIRITUAL: ESTAR NO MUNDO PARA SE AFASTAR DELE

Esses conceitos guardam relação com o ordenamento hierárquico instituído por Deus para orientar o amor do homem, bem como a sua vontade em relação aos alvos certos com a intensidade devida. Vale enfatizar que “fluir”, no entendimento agostiniano, significa a adesão a algo por amor a ele mesmo, pelo valor que traz consigo, não pelos benefícios que possivelmente possa oferecer, por mais que seja benéfica, mas pelo simples fato de ser digno desse amor. “Utilizar” significa fazer uso de algo para conseguir o que se ama, no caso, que mereça ser amado: é como um degrau após o outro até se atingir a porta que dará acesso ao que verdadeiramente se deve amar (Barros, 2017, p. 2-13-73).

Em relação a isso, Agostinho de Hipona apresenta dois modos de vida que se distinguem, em sua forma e em seu conteúdo: a vida contemplativa e a vida ativa, as quais demandam dois tipos distintos de formação (Redondo; Laspalas, 1997, p. 707).

Assim, ciência-sabedoria estabeleceu-se como uma relação ação-contemplação: contemplação dos bens que são eternos e ação como o bom uso dos bens temporais. Nessa relação, a contemplação vincula-se à sabedoria e a ação, à ciência. Superar a vida prática pelo estudo das coisas livres das contingências do tempo é indispensável para a obtenção da sabedoria, mesmo que esta esteja limitada à esfera da ação, na qual se viabiliza o conhecimento vinculado às necessidades temporais. A ciência desempenha papel significativo na obtenção das virtudes do homem que, submerso na existência presente, visa alcançar a felicidade, a beatificação, o bem supremo, a plenitude da cidadania celeste (Ramos, 2003, p. 14). Enquanto esse bem maior não se realiza, cabe ao homem cristão, aqui na terra, construir uma caminhada de virtude, de retidão e santidade. Na ordem intelectual, apresentam-se duas maneiras de assimilar a realidade, duas formas de inteligência, sustentadas e animadas por dois amores que são distintos, diferentes,

conforme lavra agostiniana:

Contudo, há diferença entre a contemplação dos bens eternos e a ação que nos permite fazer bom uso dos bens temporários. A contemplação é atribuída à sabedoria e a ação à ciência [...] Compulsando a imensa riqueza das santas Escrituras, encontro escrito no livro de Jó, estas palavras: Eis, a piedade é sabedoria; e apartar-se do mal é ciência (Jó 28:28). Nessa distinção, a sabedoria refere-se à contemplação e a ciência diz respeito à ação (Agostinho, 2014b, p. 232).

No pensar agostiniano, todas as paixões e/ou afetos ou satisfações espirituais estão circunscritas e/ou reduzidas ao amor. Essa é a base de sua “teoria dos dois amores”, o dualismo espiritual e moral, e de todas as suas teorias, em particular, a “teoria das duas cidades”.

Em sua ordenação ascética e moral, encontra-se a “teoria dos dois amores”e, em seu ordenamento social, a das duas cidades distintas, particulares e antagônicas. Essas forças atuam também no interior do homem, tendo como implicação, significado e fim uma luta constante e persistente do homem contra si. Nessa sua luta diária, o homem agostiniano vai construindo sua identidade e/ou personalidade e, em exercício livre e amigo, aberto aos demais, busca, junto com sua verdade de homem, do mundo e de Deus, sua realização plena, pois só Nele e por Ele, essa realização será possível (Fernández Fernández,1999, p. 117-118).

Na vida ativa, o objetivo é alcançado à medida que o homem, guiado por um integro *uti*, “amor de uso”, chega aos domínios da *scientia*. A “ciência” aponta como, de um modo cristão, ele pode servir-se das realidades temporais para se desenvolver nas virtudes naturais. Nessa direção, propôs Agostinho de Hipona:

Com efeito, sem a ciência, não se pode sequer adquirir as virtudes pelas quais levamos uma vida reta e governamos de tal modo esta mísera existência que conseguiremos alcançar a verdadeira vida feliz que é a eterna [...] Toda medida de prudência, de fortaleza, de temperança e de justiça que tomamos diz respeito à ciência, isto é, àquela disciplina que encaminha nossas ações para evitar o mal e desejar o bem (Agostinho, 2014b, p. 323).

De sua perspectiva, o objetivo fundante da vida contemplativa é a *sapientia*, “sabedoria”, cujo lugar situa-se na realidade eterna. Nessa linha de raciocínio, da mesma forma que a vida ativa se ordena na vida contemplativa e a formação humana na formação religiosa, a ciência se ordena na sabedoria.

Portanto, se tal é a verdadeira distinção entre sabedoria e ciência: que se refira o conhecimento intelectual das coisas eternas à sabedoria, e o conhecimento racional das coisas temporais à ciência, não é difícil julgar qual delas merece a precedência. Se acaso

a diferença for outra, pela qual se distingam as duas realidades, [...] todavia esta diferença que estabelecemos entre as duas é bem evidente: a sabedoria é o conhecimento intelectual das realidade eternas; e a ciência, o conhecimento racional das coisas temporais. E a primeira, sem nenhuma dúvida, tem a preferência (Agostinho, 2014b, p. 234-235).

Na reflexão, ele destaca dois tipos da formação intelectual, relacionados a dois tipos convergentes de realidade, ou duas formas de conhecimento: o racional e o religioso (Agostinho, 2014b, p. 271-273). Os conteúdos da razão e fé, mesmo que opostos em suas naturezas, são complementares entre si na formação do homem que se pretendia cristão. Na centralidade de sua filosofia educacional está o argumento de que a educação cristã não deveria se limitar à mera ilustração de um ensinamento acadêmico, mas ser também moral e espiritual.

Esse modelo de ensino vincula-se ao entendimento agostiniano de que a educação seria meio para o desenvolvimento integral do homem, não se restringiria ao nível intelectual, mas abrangeria as dimensões moral e intelectual, em uma conjunção de razão e fé. A educação não deveria formar somente mentes ilustradas e sólidas, mas também corações humildes, virtuosos e exemplares.

Ele explica melhor sua reflexão com sua própria trajetória de vida, com sua educação e conversão, afirmando que a busca do saber intelectual separou-o da relação com Deus, levou-o ao trilhar da desilusão, do vazio e do pecado. Foi somente quando voltou para Deus que lhe foi possível alcançar a verdadeira sabedoria. Assim, passou a entender que, na educação cristã, a formação intelectual seria subordinada à busca pela verdade, que, em seu entendimento, era Deus. A felicidade estaria em conhecer e amar esse Deus em sua plenitude e a razão e a fé seriam duas formas de conhecimento que se conjugariam na ação educacional transformadora (Aragão, 2005).

A primeira, a “ciência”, obtida pelo próprio querer e pelo próprio esforço do homem, estaria relacionada a questões temporais e ao exercício de sua inteligência discursiva, a *ratio*, “razão”. A segunda, a *sapientia*, “sabedoria”, relativa às coisas eternas, seria alcançada pela graça e pela *fides*, “fé”, pela parte mais transcendente da alma, a *mens*, “mente” ou *intellectus*, “intelecto” (Redondo; Laspalas, 1997, p. 708).

Assim, em Agostinho de Hipona, a ciência é concebida como o conhecimento das coisas humanas, inferiores, transitórias; a sabedoria, como o conhecimento das coisas superiores, transcendente, divinas. Ele estabelece uma hierarquização entre ciência e sabedoria e menciona um processo de purificação da *mens*, “mente” humana, vocacionada, também das coisas que são humanas, no qual estaria a possibilidade de contemplação das coisas divinas. A dinâmica purificadora da razão teria seu ápice na beatificação, na verdadeira sabedoria da contemplação,

quando a mente humana, reflexo da imagem divina, assumiria maior semelhança com a realidade que reflete (Ramos, 2003, p. 2).

Nessa configuração, considerando o objetivo de Agostinho, a “sabedoria” era preferível à “ciência”, mas ele ressalva: “Há homens infelizes que, desprezando as coisas conhecidas, só se alegram com novidades. Gostam mais de investigar do que contemplar. Enquanto é a contemplação o fim de qualquer estudo” (Agostinho, 2002, p. 127). O conhecimento e a formação como fundamentos da “sabedoria” seriam superiores ao conhecimento e a formação lastreados na ciência. Com esse raciocínio, ele sentencia para aqueles que querem ser instruídos nas coisas da “ciência”:

Eis, a seguir, que acontece com quem ama essas ciências na intenção de se vangloriar diante dos ignorantes, em vez de procurar de onde procede a verdade das ideias, que ele apenas pressentiu nelas, e de onde procede não somente essa verdade mas ainda a imutabilidade de algumas delas, as quais ele chegou a compreender serem imutáveis. Todo aquele que subindo, assim, do mero aspecto dos corpos à inteligência da mente humana, ao encontrar essa mente mutável — pois por vezes ela é douta e por vezes ignorante — mas que entretanto está posta em lugar sublime, entre a Verdade Imutável que se encontra acima dela e as coisas mutáveis que se encontram abaixo, esse alguém — se não dirigir todas essas coisas ao louvor e amor do único Deus, de quem percebeu que procedem todas as coisas — poderá parecer douto, mas de modo algum será sábio (Agostinho, 2014a, p. 75).

Para ele, a subordinação da ciência produzida pelos homens à sabedoria que provém de Deus passa pela interiorização: por meio dela o homem se afasta do mundo exterior, dos seus sentidos, ou seja, afasta-se de sua relação íntima e natural com as paixões e os desejos que têm lugar no corpo e afetam e perturbam sua alma humana. Por meio do conhecimento interior e do seu criador, o homem exterior é levado ao homem interior. Na visão agostiniana, a opção voluntária pela ciência humana que rompe com a verdadeira sabedoria resulta na deformação da imagem de Deus no homem. O processo reconciliador entre criatura e criador somente pode acontecer se a ciência humana, em subordinação, se voltar para o que é superior, para o divino, numa ação restauradora da imagem de Deus no homem (Ramos, 2003, p. 16).

O objetivo principal da proposição formativa agostiniana é que o homem se aparte da exterioridade que o cerca, e se volte para si num abraço ao seu próprio ser. Essa ação lhe permitirá uma interação íntima, profunda e criadora com Deus (Fernández Fernández, 1999, p. 118). Nos dizeres agostinianos, “Em ti está a fonte da vida. Não no exterior, fora de ti, senão dentro, em ti mesmo, aí está a fonte da vida debimus lumen” (Agostinho, 1955, p. 649-650).

Em que pese esse entendimento, o mesmo Agostinho considerou a “ciência” como

caminho, como trampolim para se chegar à “sabedoria” (Redondo; Laspalas, 1997, p. 708). De um lado, ele afirmava: “Efetivamente, em qualquer lugar onde olhares, a sabedoria te fala pelos vestígios que imprimiu em todas as suas obras. E quando recais de novo no amor às coisas exteriores, é valendo-se da própria beleza dos seres exteriores que ele te chama a teu interior” (Agostinho, 1995, p. 128). De outro lado, destacava a “sabedoria” como superior, como mais valiosa do que a “ciência”, pois entre suas qualidades e seus dotes está sua capacidade de formar e preparar o homem bom. Conclui: “A ciência também tem o seu lado bom, se o que ela incha ou costuma inchar for sobrepujado pelo amor às coisas eternas, pois esse amor não incha, mas como sabemos edifica (1 Cor 8,1)” (Agostinho, 2014b, p. 232). Afirmando que nem tudo que os homens entendem e acreditam ser ciência o é, ele se reporta a uma frase do Apóstolo Santiago a respeito da ciência:

Por certo, não lhe atribuí tudo o que o homem pode saber de conhecimento das coisas humanas, pois aí há muito de superfluidade, que alimenta apenas uma vã curiosidade e nociva vaidade. Mas atribuí à ciência somente aqueles conhecimentos que geram, nutrem, defendem e fortalecem a fé soberanamente salutar, a qual conduz o homem à verdadeira felicidade. [...] Uma coisa é saber somente o que se deve crer para alcançar a vida bem-aventurada, que só pode ser a eterna; e outra coisa é saber aquilo que o Apóstolo parece denominar com o termo próprio: “ciência” (1 Cor 12,8), que pode ser de grande ajuda para as pessoas piedosas e servir de apoio para se defenderem contra os ímpios (Agostinho, 2014b, p. 263).

Enfim, nas reflexões propostas por Agostinho de Hipona, a ciência, como demanda de conhecimento produzido pelo homem, é inferior à sabedoria pela configuração divina desta. No entanto, ele não nega que, enquanto o homem, como mortal, estiver em trânsito na vida terrena na qual a contemplação direta ainda não lhe é facultada, essa produção humana ainda é necessária. Portanto, não seria o caso de entendê-las em campos opostos, visto que uma pode ser útil à aquisição da outra; situá-las em uma condição de hierarquia pode explicá-las de forma mais adequada (Ramos, 2003, p. 2).

Enfim, de tudo o que foi levantado na discussão proposta é possível depreender que a chave do sentido da “ciência” humana tem morada na “sabedoria” cristã : “[...] visto que até à ciência da verdade nos faz cair no orgulho, quando não se submete o espírito ao jugo do Senhor” (Agostinho, 2014a, p. 57). O homem, em sua vulnerabilidade humana, sujeito aos influxos do mundo exterior, pode por em risco até mesmo o sagrado que lhe é facultado pela graça generosa do seu criador e, sem entender o modo pelo qual essa graça benfazeja se realiza, pode comprometê-la com comportamentos e práticas não compatíveis com a transcendência de sua

ação beatificadora.

Portanto, cabia à educação, em sua dupla dimensão, racional e espiritual, preparar o homem cristão para esse encontro interior com seu criador, pois a sabedoria, o conhecimento, a verdade, a felicidade somente são possíveis na intimidade com Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação ocidental cristã foi profundamente marcada por Agostinho de Hipona, como estudioso, educador, filósofo, teólogo e pedagogo. Herdeiro dos grandes nomes do pensamento cristão, ele promoveu uma síntese dessa herança: crescendo-a e incrementando-a com suas experiências pessoais, pôs à disposição do magistério da Igreja a agudeza de seu pensar.

Captando o espírito do tempo e das mudanças profundas que atingiam o Império e a sociedade de então, usou de suas reflexões para propor um modelo de educação humana fundado na ação conciliatória entre a formação cristã e formação clássica. Sem descaracterizar a identidade e a dignidade da educação cristã, ele aproveitou um movimento secular de abertura para a cultura clássica iniciado por autores e pensadores cristãos e, ampliando-o no sentido da assimilação de valores, princípios e categorias dessa cultura, compôs o acervo educacional da Igreja.

Na esteira da herança que recebeu, ele formulou as diferenças e as aproximações entre a educação cristã e educação clássica: a primeira era fundada na sabedoria divina e a segunda, respaldada na ciência humana. Todavia, não considerou que tais distinções as antagonizavam, não as colocou em campos opostos; pelo contrário, pensou-as como parceiras, situou-as em uma dinâmica de quase dependência uma da outra, mas subordinando a segunda à primeira, já que, em seu entendimento, a fé é superior à razão. A sabedoria, provém de Deus, é perene, definitiva, imprescindível, imutável e sagrada; a ciência, produção humana, é perecível, passageira, mutável, por isso, não guarda perenidade em sua mundanidade; mesmo assim, é fundamental para a formação do homem cristão. Embora seja cidadão dos céus e deva ser formado para exercer sua cidadania transcendente, o homem está em trânsito na terra: deve viver em peregrinação no mundo, para poder se afastar desse mesmo mundo.

Em seu ofício filosófico, Agostinho harmonizou fé e razão, mas argumentou que a busca da verdade só se completaria na interioridade do homem, em sua alma, por meio da iluminação divina.

Vale lembrar o que Angel Vega afirmou da ação agostiniana “elo ou vínculo de união entre a ciência e o pensamento cristão” (Vega, 1928, p. 45).

Em termos conclusivos, considera-se que , estudado, admirado e celebrado ao longo de milênios, ainda hoje Agostinho tem o que ensinar ao homem. Além de orientá-lo a se conhecer, a compreender seus problemas, suas incertezas e suas dúvidas, ele lhe dá coordenadas para solucioná-los. Os problemas que Agostinho vivenciou outrora não são diferentes dos vividos pelos homens na atualidade, já que são problemas do homem. Em uma dinâmica formadora, ao ensinar o autoconhecimento, o crescimento e a valorização interior, ele “continua revelando o homem para o homem”.

Para mais, sua grande síntese sobre fé e razão, resultado do diálogo que estabeleceu com o pensamento clássico, contribuiu efetivamente para a construção do pensamento cristão, elaborando e estruturando um modelo de educação que cumpriu seu papel formativo por séculos e ainda hoje provoca reflexões e debates. Na educação contemporânea, discute-se a questão da formação integral, a dimensão moral e espiritual da educação, a habilitação do homem para transitar em seu meio e promover uma ação transformadora de si e do “espaço que tem por lar”, condições fundantes de uma vida digna e feliz.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Tratados sobre el Evangelio de San Juan**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1955.

_____. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **A Cidade de Deus**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

_____. **A verdadeira religião**; O cuidado devido aos mortos. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2014a.

_____. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 2014b.

ARAGÃO, Juliana Lopes. O impacto de Santo Agostinho na educação: reflexões filosóficas e pedagógicas. **International Integralize Scientific**, v. 5, n. 45, mar. 2025.

AZEVEDO, Diego Costa. A doutrina trinitária em Santo Agostinho. **Cadernos Intersaberes**, Curitiba, v. 11, n. 36, 2022, p. 141-159.

BÍBLIA, Segundo São Marcos. *In*: BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada de Jerusalém**. São Paulo:

Paulus, 2001, p. 1925.

_____, Filipenses. In: **BÍBLIA. A Bíblia Sagrada de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2001, p. 2209.

CARVALHO, Eduardo. **O ético-moral em Santo Agostinho**. 2018. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br>. Acesso em 13 out. 2025.

DIDAQUÉ. **Didaqué: A Instrução dos Doze Apóstolos**. São Paulo: Editora Casa Publicadora Paulista, 2024.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Fernando. La educación como desarrollo integral humano en la vida y obras de San Agustín: marco teórico referencial, método y líneas permanentes de actuación. **Sociedad y Utopía: Revista de ciencias sociales**, Madrid, número extraordinario 1, 1999.

OROS RETA, José. San Agustín y la cultura clásica. **Helmantica: Revista de filología clásica y hebrea**, Salamanca, v. 14, n. 43-45, 1963.

RAMOS, Angelo Zanoni. **Ciência e sabedoria em Agostinho: um estudo do de trinitate**. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paul, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001344839>. Acesso em 13 out. 2025.

REALE, Geovanni.; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: patrística e escolástica**. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 2005.

REDONDO, E.; LASPALAS, J. (1997) **Historia de la educación**. I. Edad Antigua. Madrid: Dykinson, 1997.

SILVA, Renata Vanessa. **A relação entre verdade e conhecimento nas Confissões de Santo Agostinho**. 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102859>. Acesso em 13 out. 2025.

SOUZA, Josemar Jeremias Bandeira de. **Vida feliz na filosofia de Santo Agostinho**. 2006. Dissertação (Pós-Graduação em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5654>. Acesso em 13 out. 2025.

VEGA, Angel. **Introducción a la Filosofía de San Agustín**. Imprenta del Real Monasterio de El Escorial, El Escorial, 1928.